

MEMÓRIA

Nesta seção, rememoramos a posse do ilustre confrade JAIRO DIAS DE CARVALHO, já falecido, e que ocupou a cadeira 38 da Academia Brasileira de Filologia.

Era professor da UERJ e militou no ensino estadual, sempre com muito empenho e capacidade. Participou, na UERJ, da equipe do notável Mestre Olmar Guterres da Silveira, Titular da cadeira de Língua Portuguesa.

Transcrevemos, a seguir, o discurso de posse do grande mestre que representa mais uma homenagem ao Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JAIRO DIAS DE CARVALHO SESSÃO DE 5/7/1971

Aprendi com meus mestres a distinguir entre a ambição e a aspiração.

A ambição tortura e angustia. A aspiração é legítima quando flui num curso natural de trabalho e de estudo.

Aspirava por certo a pertencer a esta ilustre companhia, não somente pelo alto prestígio de seu nome, mas principalmente pelo convívio com mestres que, mais que o ensino do idioma, amam e vivem a Filologia, no que ela representa como floração do espírito.

Desde cedo, ligado por laços familiares ao Colégio Pedro II, ouvi com respeito e admiração a legenda de Silva Ramos, João Ribeiro, Said Ali, Quintino do Vale, Clóvis Monteiro, Antenor Nascentes, José Oiticica, Cândido Jucá (filho), esses mestres que edificaram as bases da filologia portuguesa no Brasil, muito antes que surgissem as Faculdades de Letras com uma plêiade de novos valores.

É significativo ressaltar que o Colégio Pedro II, durante tantos anos único reduto dos estudos superiores de língua portuguesa, volte ao primeiro plano com a Faculdade de Humanidades e com a cessão eventual de suas salas às sessões da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Romancistas.

Pelo voto generoso de amigos aqui presentes e com a saudação fraternal de Leodegário A. de Azevedo Filho, eis-me chegado à Academia Brasileira de Filologia.

Apraz-me e comove-me que o discurso de recepção o faça o acadêmico Leodegário Amarante de Azevedo Filho, pela mágica e entusiasmo de sua palavra e pelos laços de amizade que nos unem, desde que iniciávamos no velho internato do Colégio Pedro II, em São Cristóvão, uma jornada comum que nos levaria à Universidade e ao magistério público.

Leodegário, pernambucano de nascimento, carioca de coração, é um lidador. Os cargos e posições que hoje ostenta, coroando uma carreira ascensional, em que se multiplicam os títulos, as dignidades universitárias e trabalhos publicados, eles os

conquistou pelo estudo e pela perseverança.

Ao contrário daquele alfinete de cabeça grande do “Apólogo” de Machado de Assis, que permanecia onde o espetavam, Leodegário Amarante de Azevedo Filho jamais ficou na contemplação da gloriola transitória.

Tem sido, em educação e em filologia, como em outros campos um moderno bandeirante. E as trilhas por ele abertas servem a todos os que se comprazem no estudo e na pesquisa.

A cadeira n.º 38 da Academia Brasileira de Filologia tem como patrono Mário Barreto, escolhido que foi por seu primeiro ocupante, o professor Jacques Raimundo.

Filho de Fausto Barreto, que tão assinalada contribuição trouxe renovação dos estudos linguísticos no Brasil, Mário Barreto exerceu o magistério em classe e nas seções de linguagem dos jornais da época. As respostas ao consulentes foram mais tarde reunidas em livros que lhe firmaram reputação de notável conhecedor da língua portuguesa, é que, como Antônio de Moraes e Silva, procurou ele fundamentar os ensinamentos gramaticais com a lição dos clássicos.

Em vez do magister dixit, a sanção do uso literário.

Suas lições, apresentadas com notável clareza, constituem por si mesmas um processo de investigação filológica. Abrangem ampla matéria gramatical como se pode ver no “Índice Alfabético e Crítico” que de sua obra organizou Cândido Jucá (filho).

Antecessores ilustres nesta poltrona foram Jacques Raimundo e Augusto Meyer.

O primeiro, professor militante e entusiasmado, distinguiu-se como estudioso dos afro-portuguesismos, a partir da tese com que concorreu a uma das cátedras do Colégio Pedro II – O elemento afro-negro na Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1933.

Não padece este trabalho de falha comum às obras que trataram da influência africana ou ameríndia: o exagero de tudo atribuir aos africanos ou aos silvícolas.

Inferiorizados socialmente como os índios, os africanos foram, no entanto, trazidos para o convívio doméstico. A ação das mucamas sobre as crianças e os padrões deixou marcados traços no caráter nacional, que podem ser rastreados na culinária, na música popular, no folclore, no sincretismo religioso, tão bem aproveitado por Jorge Amado em seus romances picarescos.

A estrutura da língua culta não foi, porém, afetada. Havia edição clássica e a linguagem, numa sociedade escravocrata, era o divisor entre a massa alarve e a elite europeizada. Um dos meios de acesso social era o domínio do idioma português. Os estudos gramaticais foram cultivados com interesse ao homem de palavra fluente sempre desfrutou de consideração geral.

É na língua popular e no sistema expressivo da linguagem familiar que melhor se pode observar a influência africana.

Augusto Meyer merece toda uma polianteia. Sua produção intelectual é vária e diversificada, vai do memorialismo à poética, do folclore à filologia, da crítica literária à análise estilística: Menino e moço – poesias, Guia do folclore, Prosa dos pagos, A Chave e a máscara, Camões, o bruxo e outros estudos.

NOTA – Provavelmente, falta, na transcrição, o fecho do discurso de Jairo Dias de Carvalho. No entanto, os elementos que reproduzimos constituem uma demonstração da grandeza de um excepcional mestre, que reverenciamos, preservando a memória da Academia Brasileira de Filologia.